

Fonte : Jornal O Público - 15 de Julho de 2020

Ainda se evita falar numa “nova Guerra Fria”, mas o duelo EUA-China já não é só económico

Revogação norte-americana do estatuto especial de Hong Kong e ameaça chinesa de retaliação entram no mais recente episódio do conflito generalizado entre as duas potências, agravado nas últimas semanas. Relações piores, só antes de 1979.

Os analistas insistem: o actual conflito entre Estados Unidos e China é – ou ainda é – incomparável com a Guerra Fria, o duelo de várias décadas do século XX entre norte-americanos e soviéticos. Mas as semelhanças são muitas. Duas potências com interesses globais, uma competição económica em larga escala, ideologias conflituantes, imposição constante de sanções, ameaças repetidas de retaliação, tensão militar, retórica crescente e a busca incessante de aliados.

O particular braço-de-ferro entre Pequim e Washington começou sob a forma de uma guerra comercial – impulsionada por Donald Trump, que ainda antes de ser eleito, em 2016, já fazia campanha contra o “aproveitamento chinês da economia americana” –, mas a verdade é que esta derivou para uma guerra que também é política e diplomática e que se agravou especialmente nas últimas semanas.

“O fosso de poder está a diminuir e o fosso ideológico está a aumentar”, assume Rushi Doshi, do *think tank* Brookings Institution (Washington), citado pelo *New York Times*.

O mais recente choque entre China e EUA teve Hong Kong como catalisador. Na terça-feira, o Presidente norte-americano assinou uma ordem executiva para pôr fim ao estatuto económico preferencial da região administrativa especial chinesa e ratificou uma proposta de lei do Congresso que impõe sanções a bancos que façam negócios com dirigentes políticos chineses envolvidos na aplicação da nova lei de segurança nacional no território.

Em resposta a Trump, Pequim prometeu retaliar. “Os esforços dos EUA para frustrarem a execução da lei de segurança nacional em Hong Kong nunca irão ter êxito. Para defender os seus próprios interesses legítimos, a China vai responder em conformidade e impor sanções a indivíduos e entidades americanas relevantes”, garantiu o Ministério dos Negócios Estrangeiros chinês esta quarta-feira, em comunicado.

As movimentações dos dois gigantes, um contra o outro, em redor da situação política de Hong Kong, fazem parte de um catálogo de tensões sobre variados assuntos, que aumentou particularmente desde que o surto de coronavírus em Wuhan, na China, se transformou numa pandemia à escala global.

“Não tenham dúvidas: responsabilizamos totalmente a China por ter ocultado o vírus e por tê-lo lançado sobre o mundo. Podiam e deviam tê-lo travado”, insistiu Trump na hora de aprovar as sanções, entre críticas às “ações agressivas” da China “contra a população” do antigo território britânico.

Proactividade americana

A troca de acusações [sobre a gestão da crise epidemiológica em cada país](#) e de denúncias sobre a verdadeira origem da covid-19 evoluiu, no entanto, para outros palcos de conflito. Nos últimos dias, a Administração Trump tomou decisões firmes – e provocadoras – contra Pequim.

Para além das medidas sobre Hong Kong, impôs sanções a figuras do Partido Comunista chinês por [violação dos direitos humanos dos uigures](#) e de outros muçulmanos na província chinesa de Xinjiang, [acolheu oficialmente a decisão de 2016 do tribunal de Haia](#) que não reconhece as [pretensões chinesas no mar do Sul da China](#) e convenceu o Reino Unido a [abdicar dos serviços e equipamento da empresa chinesa Huawei](#) para a rede 5G no país.

A Casa Branca justificou o “novo normal” com as campanhas agressivas da China nas suas regiões autónomas e na vizinhança, que vai desde o oceano Pacífico até à [fronteira com a Índia, nos Himalaias](#), e tem conseguido atrair o apoio de muitos países europeus, e da própria União Europeia, em muitas destas medidas.

Pequim, por seu lado, atira as responsabilidades todas para Washington, que acusa de “interferência nos assuntos internos chineses” e de ter uma [“mentalidade de Guerra Fria”](#).

Resultado? Provavelmente o ponto mais baixo das relações entre os dois países desde 1979, data em que os EUA passaram a reconhecer a China continental como representante do poder político do país, em detrimento de Taiwan.

“A relação China-EUA atravessa o seu momento mais difícil desde o restabelecimento de relações diplomáticas”, considera Zhao Kejin, professor de Relações Internacionais da Universidade de Tsinghua (Pequim), citado pelo diário nova-iorquino. “[Mas] não entraram numa ‘nova Guerra Fria’”, esclarece.

O factor “globalização”

[A hesitação dos analistas](#) em fazer um paralelo entre o duelo entre chineses e norte-americanos com a batalha ideológica que opôs os Estados Unidos e o mundo liberal-capitalista à União Soviética e aos países socialistas-comunistas, tem que ver, sobretudo, com a impossibilidade prática de se dividir um mundo e uma economia, mais globalizados do que nunca, em dois blocos concorrentes, inimigos e vedados um ao outro.

“A Guerra Fria era um sistema baseado numa ausência muito própria de reconhecimento entre duas superpotências, numa recusa em aceitar a legitimidade do sistema social e das pretensões universalistas do adversário”, explica Mario del Pero, historiador na universidade de SciencesPo (Paris) e especialista em Guerra Fria e Relações Externas dos EUA, [num artigo de opinião publicado no Guardian](#).

“A globalização transformou as relações internacionais contemporâneas. Nos últimos 50 anos assistimos a um processo de integração global, que até tem colocado frequentemente a relação sino-americana no seu núcleo”, acrescenta o académico, concluindo com o argumento de que a analogia com a Guerra Fria “descontextualiza tanto os eventos passados como os problemas contemporâneos” e “faz-nos perder de vista a singularidade e a especificidade” das relações China-EUA.

Certo é que há cada vez maior consciência política de que as estratégias e as decisões tomadas nos próximos tempos, quer por Washington, quer por Pequim, terão grande impacto para vizinhos, aliados e adversários. [Num ensaio publicado na revista *Foreign Affairs*](#), o primeiro-ministro de Singapura, Lee Hsien Loong, deu voz ao receio internacional e regional sobre a continuação da escalada de tensão entre os dois países.

“Se Washington tentar conter a ascensão da China ou se Pequim procurar construir uma esfera de influência exclusiva na Ásia, iniciarão um caminho de confrontação que durará décadas”, escreveu o líder do executivo da “cidade-Estado” asiática. “As escolhas estratégicas que EUA e China fizerem vão moldar os contornos da ordem internacional emergente.”

PERGUNTA:

1. Com base neste texto de opinião publicado no jornal português Público e em seus conhecimentos pessoais, concorda ou discorda com a utilização do termo “Nova Guerra Fria” para descrever as atuais relações entre os Estados Unidos e a China? Por que?